

OS ESTUDOS HISTÓRICOS NO BRASIL

A história do Brasil se reveste de extraordinária complexidade pela conjugação de inúmeros fatores de ordem geográfica, social e política que dificultam a análise do seu conjunto. Daí tornar-se difícil a apreciação da obra daqueles que, direta ou indiretamente, intencionalmente ou não, se têm ocupado das diferentes fases de nossa história.

Assim o sentido dessa história cresce em amplitude à medida que nos aproximamos dos dias atuais, em que o campo da investigação histórica se vai alargando gradativamente, através de ciências subsidiárias, indispensáveis à melhor compressão do "facies" histórico.

O problema historiográfico brasileiro, oferece, na verdade, aspectos bem característicos, cuja interpretação encontra suas raízes em momentos bem definidos da civilização brasileira.

Destarte, no largo período colonial, a historiografia brasileira não poderia ser senão em função do acanhado campo cultural da colônia, onde a Metrópole afogava quase todas as possibilidades de desenvolvimento intelectual. Sem imprensa nem tipografia, falta de Universidades, ficava a possessão portuguesa em evidente inferioridade em confronto com os domínios ingleses e espanhóis, bafejados desde o início com esses fatores indispensáveis de progresso. Onde a pobreza de informes dos cronistas, testemunhas oculares dos momentos culminantes de nossa história, que poderiam ter projetado maior luz sobre tais acontecimentos.

Dessa pobreza de informes basta citar a escassez de documentos sobre um dos períodos mais sugestivos da história da nacionalidade — o bandeirismo. Não houve entre nós, como na América Espanhola, documentário sobre o movimento de penetração do século XVII, mercê da ignorância do sertanista, o que privou a bibliografia brasileira de preciosa fonte de informação. Já no século seguinte a necessidade de firmar o direito de posse sobre os descobertos e a fixação dos roteiros mudariam a face do problema com documentação de grande valia para os estudos atuais.

De Frei Vicente do Salvador (século XVI) (1) a Varnhagen (século XIX) (2) a contribuição histórica é escassa. Não há sistematização do estudo e o apoucado material existente é falho pela ausência de crítica, pela desconexão e pela falta de um objetivo norteante.

A evolução da colônia para o reinado foi muito lenta. O movimento renovador, que só se inicia com a chegada dos príncipes portugueses nos primórdios do século XIX, não poderia produzir imediatamente seus frutos. Foi apenas o início do período de sedimentação que haveria de consolidar o monumento da cultura nacional. À margem da educação política que se esboçava, projetava-se a estruturação do ambiente cultural que se revelaria mais característico durante o largo período do Segundo Império.

À falta de uma tradição cultural com amplas raízes no passado, o Brasil-Império se europeiza em suas diretrizes intelectuais. Essa passividade será característica não apenas dessa fase, mas se projetará ainda pelos primeiros tempos de vida republicana quando à caudal europeia de cultura se vem juntar o tributário norte-americano.

É nesse ambiente de reflexos europeus de cultura que se vai plasmar o bruxoleante quadro da historiografia brasileira. Acentua-se, no decorrer do século XIX, um movimento renovador da história. Surge a inspirá-lo e a ditar-lhe as diretrizes a personalidade marcante de Francisco Adolfo de Varnhagen, futuro Visconde de Porto-Seguro, apontado por muitos, e com justiça, como o pai da historiografia brasileira. E, se à luz da moderna concepção histórica, a obra de Varnhagen se ressent de falhas que o método crítico atual nos aponta, não podemos, entretanto, deixar de reconhecer seus méritos e a grandiosidade da obra que nos deixou.

Firma-se, nessa ocasião, o culto pela documentação, a exemplo do magistral autor da *História Geral do Brasil*, que se apoia em documentário inédito, principalmente em seus estudos sobre a luta contra os holandeses no Brasil.

Num sentido amplo pode-se afirmar que os meados do século XIX marcam a fase embrionária da historiografia brasileira, em que as tentativas bibliográficas se esboçam ao par da evolução dos métodos de pesquisa histórica, que já se inspiram no estudo das fontes, bem como numa incipiente crítica, falha, por vezes, mas inspiradora de futuras observações.

Em favor de nossa assertiva fala o confronto estabelecido por O. Tarquínio de Souza entre a obra de Oliveira Lima e Varnhagen em torno do mesmo assunto — D. João VI no Brasil — quando nos diz "retomando o caminho que o Visconde de Porto-Seguro percorrerá, alargando-os, procurando novos, dando às suas pesquisas

(1). — Salvador (Frei Vicente do) — *História do Brasil* — Nova edição revista por Capistrano de Abreu — Cia. Melhoramentos de S. Paulo — 1918.

(2). — Varnhagen (F. A. de, Visconde de Porto Seguro) — 3.ª edição integral, anotada por Rodolfo Garcia — Cia. de Melhoramentos de S. Paulo.

um sentido mais profundo, O. Lima pôde escrever a obra de maior importância até hoje no tocante ao período de 1808 a 1821” (3).

Não se pode negar igualmente a essa fase de evolução a influência decisiva da corte imperial, norteadas por um chefe de Estado de tendências filosóficas e bizantinas literárias, bafejando os estudos históricos com sua paternal proteção, consubstanciada na atenção para com o primeiro núcleo convergente de atividades históricas — o Instituto Histórico, Geográfico e Etnográfico do Rio de Janeiro — modelo dos organismos que proliferaram a espaços regulares nas demais províncias do país:

No ciclo final do Segundo Império, em que se consolida a experiência política através do parlamentarismo, surge a exposição dos fatos políticos com uma acuidade de análise que faltava inicialmente às raras tentativas anteriores. Mas não apenas o aspecto político que, em geral, atraiu os nossos pensadores, se constituiu em essência para a grande diretriz da história dessa fase: outros elementos preciosos vão contribuir para a evolução dos estudos históricos da época. Já não bastam as fontes para a interpretação dos fatos históricos: acentua-se já o interesse pelo meio físico, e pelos fatores sociais para a explicação dos fenômenos históricos nacionais. Avulta nessa época a figura impar da história moderna brasileira, o grande Capistrano de Abreu. Sua larga cultura histórica permitiu-lhe concentrar sua atenção em problemas antes descuidados pelos antecessores. O magistral autor de *“Caminhos antigos e povoamento do Brasil”* ampliou os estudos sobre o bandeirismo, focalizou o problema da expansão geográfica, estudou a importância das grandes vias de comunicação em relação ao fenômeno da formação territorial do país, esboçando um novo método que teria, como teve, excelentes e devotados continuadores.

Assim, a época de Capistrano caracteriza-se pelo trabalho notável de uma elite intelectual, preocupada com a solução de velhos problemas da historiografia brasileira, em face de fontes originais, tanto nacionais como estrangeiras. Dêsse esforço investigador surgiram obras da envergadura de — *Efemérides Brasileira* — da lavra do Barão de Rio Branco, paciente trabalho de pesquisa e de erudição. A dedicação do grande Paranhos às fontes originais de estudo histórico seria consagrada na defesa dos interesses da diplomacia brasileira e dos legítimos interesses nacionais.

E, bem assim, os relevantes estudos de Joaquim Nabuco, Oliveira Lima, Tobias Monteiro, Alberto Rangel, Pandiá Calógeras, Euclides da Cunha (4) e outros notáveis historiadores dedicados às pesquisas relativas à geografia histórica, que são igualmente de indiscutível interesse e de grande valor.

(3). — in *Manual Bibliográfico de Estudos Brasileiros* — Gr. Ed. Souza — Rio de Janeiro — 1949 — pág. 410.

(4). — Lima (M. Oliveira) — *“O Império Brasileiro* — Cia. de Melhoramentos de São Paulo — s. d.

Monteiro (Tobias) — *Pesquisas e depoimentos para a história* — Francisco Alves — Rio de Janeiro — 1913.

A política era uma sedução que não somente fascinava o espírito da elite intelectual da época como daria margem a uma vasta bibliografia, cujo traço culminante seria a análise do ambiente onde pontificava o parlamentarismo brasileiro. Joaquim Nabuco, uma das mais fortes e expressivas intelectualidades da época, retrata em sua produção histórica o aspecto que apontamos. "*Um senador do Império*", por exemplo, não é uma biografia rápida, mas uma minuciosa análise do ambiente político do segundo Império, onde o liberalismo em marcha se opunha ao espírito duma sociedade conservadora e tradicionalista.

Muita delicada é a tarefa do pesquisador que se consagra à análise dessa sociedade que se debate no esforço de adaptação a uma forma parlamentar exótica, errando muitas vezes, mas colhendo profundas lições da experiência para empregá-la judiciosamente no seu ciclo de evolução política. Esse, o panorama descortinado pela obra de Nabuco, cuja faculdade de percepção e análise permitiram o bosquejamento desse quadro sutil, em que tantos ainda hoje se inspiram para a compreensão das etapas do progresso de nossas elites dirigentes.

A complexidade da interpretação desse período de nossa evolução histórica, marcado por fatores tão peculiares, limitou, por certo, a capacidade de nossos historiadores que, mercê dos numerosos trabalhos parciais, não puderam esgotar fontes tão abundantes, deixando ainda aos nossos estudiosos de hoje farto campo de exploração.

Todavia, cumpre-nos salientar o valor das produções de Afonso de Escragnolle Taunay, Tobias Monteiro, Oliveira Lima, Otávio Tarquínio de Souza, Hildebrando de Accioly (5), pesquisadores notáveis, de amplo descortino, que nos apresentam inúmeros aspectos essenciais daquela intrincada fase.

A transição da monarquia para a república seria objeto duma atividade intelectual de larga amplitude, refletindo as opiniões díspares dos partidários de ambas as correntes, marcando fortemente o advento do novo século. A luta não são estranhos grandes vultos desse passado tão próximo, cujas teses refletem filosofia tão diver-

Rangel (Alberto) — *No rolar do tempo...* — José Olímpio — Rio de Janeiro — 1937.

Calógeras (J. Pandiá) — *O Brasil e a Sociedade das Nações* — São Paulo — 1926.

Cunha (Euclides da) — *Canudos: Diário de uma expedição; introdução de Gilberto Freire, José Olímpio* — Rio de Janeiro — 1930.

(5) — Taunay (Afonso de Escragnolle) — *Grandes vultos da Independência brasileira* — Weizflog Irmãos, São Paulo, 1922.

Monteiro (Tobias) — *História do Império* — Briguiet, Rio, 1927/1929.

Oliveira Lima — *O movimento da Independência* — Cia. Melhoramentos — S. Paulo — 1922.

Idem — *Dom João VI no Brasil* — *Jornal do Comércio*, Rio, 1909.

Souza (Otávio Tarquínio de) — *História de dois golpes de Estado. A mentalidade da Constituinte, 3 de maio a 12 de novembro de 1823* — A. P. Berthel, Rio, 1931.

Accioly (Hildebrando de) — *O reconhecimento da independência do Brasil* — *Imprensa Nacional*, Rio, 1927. "*O reconhecimento da independência do Brasil pelos Estados Unidos* — *Editora Nacional*, S. Paulo 1936.

sa: Joaquim Nabuco, Rui Barbosa, Silva Jardim (6) são exemplos frisantes dêsse entrechoque de paixões que eclodem em sua obras.

Se aceitarmos a tese de Oliveira Viana (7) de que a República no Brasil foi obra de idealistas utópicos, educados fora do país, sem conhecimento das realidades nacionais, cultores de formas políticas peculiares a outros meios sociais, compreenderemos o caráter da obra de Medeiros de Albuquerque, José Maria dos Santos, Souza Bandeira, Salvador M. D. Furtado de Mendonça (8) e outros críticos políticos, divididos entre o parlamentarismo e o presidencialismo dentro da esfinge republicana.

*

* *

Analisadas assim a largos traços, as diretrizes do pensamento histórico do passado, tentemos fixar as tendências da história no momento presente.

Seja-nos permitido, entretanto, apresentar, *a priori*, algumas considerações que reputamos essenciais para a compreensão do nosso objetivo final.

Acreditamos, com Gilberto Freyre (9), que o Brasil jovem dêste último quartel de século vem processando a formação duma cultura de caráter personalista, que se libertou, por fim, da tutela intelectual europeia, não apenas na história, mas também, na literatura, na arte e em outros setores da atividade cultural. Aquela timidez diante dos tabus intellectuais criados pelos classicismo europeu, que tirava ao brasileiro a espontaneidade e a naturalidade,

(6). — Nabuco de Araujo (Joaquim) — O povo e o trono: profissões de fé política de Juvenal, romano da decadência — Tip. e liv. francesa, Rio, 1869.

Idem — O dever dos monarquistas: carta ao Almirante Jaceguai — Tip. Leuzinger, Rio, 1895.

Barbosa (Rui) — Anexos ao relatório do Ministro da Fazenda, em janeiro de 1891 — Impr. Nacional, Rio, 1891.

Idem — O ano político de 1887 — Gazeta de Notícias, Rio, 1888.

Idem — Finanças e políticas da República: discursos e escritos — Cia. Impressora, Rio, 1892.

Idem — Contra o militarismo: campanha eleitoral de 1909 a 1910 — J. Ribeiro do Santos, Rio, 1911.

Idem — Campanha presidencial — Liv. Catilina, Bahia, 1921.

Idem — Queda do império — Liv. Castilho, Rio, 1921.

Idem — Correspondência coligida, revista e anotada por Homero Pires — Liv. Acadêmica, S. Paulo, 1932.

Jardim (Antônio da Silva) — A pátria em perigo: Braganças e Orleans — Oficina do Jornal do Brasil, Rio, 1925.

Idem — A república no Brasil: compêndio de teorias e apreciações políticas destinadas à propaganda republicana. Imprensa Mont'Alvarne, Rio, 1888.

(7). — Viana (Oliveira) — O idealismo na evolução política do Império e da República — Bibl. do Estado de S. Paulo — S. Paulo, 1922.

(8). — Medeiros de Albuquerque — O regime presidencial no Brasil — Francisco Alves, Rio, 1914.

Santos (José Maria dos) — A política geral do Brasil — J. Magalhães, São Paulo, 1930.

Souza Bandeira — Reformas — Tip. Leuzinger, Rio, 1909.

Mendonça (Salvador Menezes D. Furtado de) — A situação internacional do Brasil — Garnier, Rio, 1913.

(9). — Freyre (Gilberto) — Interpretação do Brasil — José Olímpio, Rio, 1947.

converteu-se hoje num personalismo por vêzes ousado, como o que transparece na moderna legislação brasileira, na pintura, na literatura, etc.

Neste ciclo que analisamos, vem o Brasil aparelhando-se com várias instituições culturais capazes de orientarem a civilização brasileira num sentido eminentemente renovador de cultura. Basta que apreciemos, no conjunto das instituições culturais contemporâneas, aqueles que mais próximamente vêm contribuindo para o desenvolvimento dos estudos históricos, para que possamos aquilatar a extensão do progresso nacional. Aos tradicionais centros de cultura que foram no passado o Museu Nacional, a Biblioteca Nacional, o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, o Museu Paulista, o Arquivo Nacional, o Museu Goeldi incorporaram-se hoje as Faculdades de Filosofia, Ciências e Letras do país, o Museu de Arte, o Departamento Municipal de Cultura de São Paulo, a Faculdade de Ciências Econômicas da Universidade de São Paulo, centros de primeira grandeza na projeção dos estudos históricos.

A predominância dum espírito "universitário" de cultura histórica vem norteando um progressivo incremento das pesquisas históricas calcadas em preciosos subsídios dos arquivos, que vêm aumentando extraordinariamente o acervo documental de épocas notáveis de nossa história. Assim, por exemplo, o bandeirismo se aclara à luz das contribuições de Afonso de Escagnolle Taunay, Alfredo Ellis Jr., Basílio de Magalhães, Sérgio Buarque de Holanda, Oliveira Viana, Pedro Calmon, Alberto Lamego (10) e muitos outros historiadores regionais, cujas memórias engrandeceram grandemente a caudal dos estudos modernos sobre a matéria. Muito contribuíram para tanto as publicações e documentário dos institutos culturais, sendo dignos de menção, entre outros:

(10). — Taunay (Afonso de Escagnolle) — Coleção de mapas na cartografia paulista antiga, abrangendo nove cartas, de 1612 a 1837, reproduzidas da coleção do Museu Paulista e acompanhadas de breves comentários — Vol. I — Cia. Melhoramentos S. Paulo, 1922.

Idem — Um grande bandeirante: Bartolomeu Pais de Abreu (1674-1738). Exploração do Paraná, Rio Grande do Sul e Mato Grosso: a conquista de Goiás. Anais do Museu Paulista — Vol. I — S. Paulo, 1922.

Idem — A grande vida de Fernão Dias Pais — Anais do Museu Paulista, Vol. 4 — São Paulo, 1931.

Idem — História da vila de São Paulo no século XVIII (1701-1711) — Imprensa oficial, São Paulo, 1931.

Idem — História geral das bandeiras paulistas — Tip. Ideal, São Paulo, 1924/36.

Idem — História setecentista da vila de São Paulo — Tip. Ideal, São Paulo, 1926/29.

Ellis Júnior (Alfredo) — O Bandeirismo Paulista e o recuo do meridiano — São Paulo, Ed. Nacional, 1934.

Idem — Raça de Gigantes. A civilização do planalto paulista. — São Paulo, Ed. Helios Ltda., 1926.

Magalhães (Basílio de) — Expansão Geográfica do Brasil — São Paulo, Ed. Nacional, 1935 (2.ª edição).

Holanda (Sérgio Buarque) — Menções — Liv. da Casa do Estudante do Brasil — Rio, 1945.

Oliveira Viana — Populações meridionais do Brasil: história, organização, paleologia — 4.ª edição, Editora Nacional, 1938 (1.ª edição, 1920).

Anais da Biblioteca Nacional;
Anais da Biblioteca e Arquivo Público do Pará;
Anais do Museu Paulista;
Atas da Câmara de São Paulo;
Documentos interessantes para a história e costumes de São Paulo;
Documentos Históricos (Arquivo Nacional);
Inventários e Testamentos;
Revista do Arquivo Municipal de São Paulo;
Revista do Arquivo Público Mineiro;
Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro;
Revista do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo;
Registro Geral da Câmara de São Paulo;
Publicações do Instituto de Administração da Faculdade de Ciências Econômicas da Universidade de São Paulo;
Boletins da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo — Departamento de História.
Revista de História.

Infelizmente o mesmo não se verifica com relação ao estudo, entre outros, do domínio holandês no Brasil, até hoje muito descuidado entre nós, apesar do vivo interesse que desperta e aos inumeráveis aspectos que se oferecem ao investigador, quer quanto ao fácies cultural, quer quanto ao econômico ou sociológico das relações entre o Brasil e o dominadores de então.

Eis porque, talvez, tenhamos ganho, no setor histórico do presente, mais em profundidade do que em extensão. Já não predominam as obras maciças abrangendo largos períodos, como o foram no passado as de Varnhagen, Rocha Pombo e outros: preponderam, antes, as teses abrangendo períodos restritos, mas fortalecidos por uma análise mais objetiva, mais fecunda em observação, mais profunda em seus fundamentos, como as que tem produzido o Departamento de História da Faculdade Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo neste decênio de atividade (11).

Calmon (Pedro) — A conquista histórica das Bandeiras Bahianas — Imp. Nacional, Rio, 1929.

Idem — História da casa da Torre — Uma dinastia de pioneiros — Rio, 1939.

Leiteiro (Alberto) — A terra goitacá à luz de documentos inéditos — L'edition d'Art — Paris, 1913, 1925.

(11). — Antônio Piccarolo — Augusto e seu século — Boletim n.º X (n.º 1 da Cadeira de História da Civilização Antiga e Medieval) — 1939.

E. Simões de Paula — Tartesso e a rota do estanho — Boletim n.º XX (n.º 2 da Cadeira de História da Civilização Antiga e Medieval) — 1940.

Astrogildo Rodrigues de Mello — O comércio europeu nos séculos XV e XVI e o florescimento de Espanha e Portugal — Boletim n.º XX (n.º 2 da Cadeira de História da Civilização Antiga e Medieval) — 1940.

Jean Gagé — Gadés, as navegações atlânticas e a rota das Índias na Antiguidade — Boletim n.º XX (n.º 2 da Cadeira de História da Civilização Antiga e Medieval) — 1940.

Jean Gagé — Nota acerca das origens e do nome da antiga cidade de Volubilis (Mauritânia Tingitana) — Boletim n.º XX (n.º 2 da Cadeira de História da Civilização Antiga e Medieval) — 1940.

Da moderna produção histórica do Brasil contemporâneo muito característica tem sido o estudo biográfico, através do qual a interpretação do período republicano e mesmo do Império encontram em geral uma explicação mais convincente do entrosamento de paixões políticas que balisam estas épocas. Para avaliação da extensão de nosso conceito, citariamos a notável produção de Tobias Monteiro que, com larga visão, analisou os primeiros tempos republicanos em seus aspectos políticos e financeiros, bem como outros notáveis historiadores dessa fase, dos quais destacaremos entre muitos Oliveira Viana e V. Licínio Cardoso (12).

E. Simões de Paula — O comércio varegue e o Grão-Principado de Kiev — Boletim n.º XXVI (n.º 3 da Cadeira de História da Civilização Antiga e Medieval) — 1942.

E. Simões de Paula — Marrocos e suas relações com a Ibéria na Antiguidade — Boletim n.º XVII (n.º 4 de História de Civilização Antiga e Medieval) — 1948.

Pedro Moacir Campos — Alguns aspectos da Germânia Antiga através dos autores clássicos — Boletim n.º LXIV (n.º 5 da Cadeira de História da Civilização Antiga e Medieval) — 1946.

Eduardo d'Oliveira França — O poder real em Portugal e as origens do absolutismo — Boletim n.º LXVIII (n.º 6 da Cadeira de História da Civilização Antiga e Medieval) — 1946.

Olga Fantaieão — A penetração comercial da Inglaterra na América Espanhola de 1713 e 1783. — Boletim n.º LXII (n.º 1 da Cadeira de História da Civilização Moderna e Contemporânea) — 1946.

Astrogildo Rodrigues de Mello — As encomiendas e a política colonial de Espanha. — Boletim n.º XXXIV (n.º 1 da Cadeira de História da Civilização Americana) — 1943.

A. J. Canavarra — O comércio português no Rio da Prata (1580-1640) — Boletim n.º XXXV (n.º 2 da Cadeira de História da Civilização Americana) — 1944.

Astrogildo Rodrigues de Mello — O trabalho forçado de indígenas nas lavouras de Nova Espanha. — Boletim n.º LXIX — (Boletim n.º 3 da Cadeira de História da Civilização Americana) — 1946.

Alfredo Ellis Júnior — Meio Século de Bandeirismo — 1590-1640. — Boletim n.º IX (n.º 1 da Cadeira de História da Civilização Brasileira) — 1939.

Alfredo Ellis Júnior — Feijó e sua época — Boletim n.º XVI (n.º 2 da Cadeira de História da Civilização Brasileira) — 1940.

Alfredo Ellis Júnior — História de S. Paulo — Boletim n.º XXXVII (n.º 3 da Cadeira de História da Civilização Brasileira) — 1944.

Alfredo Ellis Júnior — Amador Bueno e a evolução da psicologia paulista — Boletim n.º XLII (n.º 4 da Cadeira de História da Civilização Brasileira) — 1944.

Alfredo Ellis Júnior — Capítulos de História de S. Paulo — Boletim n.º LIII (n.º 5 da Cadeira de História da Civilização Brasileira) — 1945.

Alfredo Ellis Júnior — Panoramas Históricos — Boletim n.º LXXXIII (n.º 6 da Cadeira de História da Civilização Brasileira) — 1946.

Alfredo Ellis Júnior — Amador Bueno e seu tempo — Boletim n.º LXXXVI (n.º 7 da Cadeira de História da Civilização Brasileira) — 1948.

Alfredo Ellis Júnior — O ouro e a Paulistana — Boletim n.º XCVI (n.º 8 da Cadeira da Civilização Brasileira) — 1948.

Alfredo Ellis Júnior — Um Parlamentar Paulista da República — Boletim n.º CII (n.º 9 da Cadeira de História da Civilização Brasileira) — 1949.

Thomas Oscar Marcondes de Sousa — Américo Vespucci e suas Viagens. — Boletim n.º CV (n.º 10 da Cadeira de História da Civilização Brasileira) — 1949.

Alfredo Ellis Júnior - Miriam Ellis — A economia Paulista no Século XVIII — Boletim n.º CXV (n.º 11 da Cadeira de História da Civilização Brasileira) — 1950.

(12). — Monteiro (Tobias) — Pesquisas e depoimentos para a história — Francisco Alves, Rio, 1913.

Idem — O presidente Campos Salles na Europa — Briguiet, Rio, 1928.

Viana (Oliveira e outros) — À margem da história da República — Ed. Antário da Brasil — Rio, 1924.

Sob a influência marcante de Euclides da Cunha (13) que, em seu monumental estudo — *Os sertões* — traçou uma nova rota para os estudos sociológicos, fixando em cores vivas a personalidade do sertanejo, intensificam-se hoje as produções sociológicas que encontram em Gilberto Freyre a sua mais alta expressão. Assim, após seu magnífico estudo — *Casa Grande e Senzala* — projeta-se uma corrente de historiadores patricios, cuja orientação está voltada para o problema social, principalmente em seu fácies regional. É de se esperar que a coletânea desses estudos permita no futuro uma compreensão mais nítida do problema social brasileiro e da evolução de nossa cultura, tão importantes num país como o nosso, em que tantas influências étnicas diversas se fazem sentir.

Aos dois eminentes sociólogos, cumpre-nos acrescentar os nomes de J. F. de Almeida Prado, Afrânio Peixoto, Belizário Pena, Alberto Tôrres, José Veríssimo, Monteiro Lobato, Roquette-Pinto, Sílvio Romero e Oliveira Viana (14) este último, autor de notável estudo histórico-sociológico sobre as populações meridionais do Brasil, admirável contribuição aos modernos estudos sociais de nosso país.

Outro aspecto, não menos importante de nossa bibliografia vem sendo consagrado aos assuntos econômicos. Já nos primórdios do período republicano o tema despertava desusado interesse de autoridades da envergadura de Joaquim Murinho, Davi Campista, Rui Barbosa, Leopoldo Bulhões e Pandiá Calógeras.

Estudos monumentais foram realizados nos últimos tempos por abalizados historiadores, dentre os quais avulta a figura máxima de Afonso de Escagnolle Taunay, com o seu erudito estudo sobre o café, base da economia nacional.

Infelizmente ainda não se constituiu uma síntese de conjunto sobre a nossa história econômica pois, excetuados o açúcar e o ouro, estudados sob múltiplos prismas, faltam-nos estudos coordenados sobre inúmeros aspectos da nossa atividade produtora nas diversas fases de nossa história, que explicariam melhor a nossa evolução. Estudos recentes, porém incompletos, foram esboçados, como o de Roberto C. Simonsen (15), que ficou apenas à superfície do manancial profundo representado pelo importante proble-

Cardoso (Vicente Licínio) — *A margem da História do Brasil* — Ed. Nacional, S. Paulo, 1933.

Idem — *Pensamentos americanos* — Rio, 1937.

Idem — *Pensamentos brasileiros: golpes de vista* — Ed. Anuário do Brasil, Rio, s/d.

(13). — Cunha (Euclides da) — *A margem da história* — Liv. Chardron, Porto, 1909.

Idem — *Os sertões: campanha de Canudos* — 13.ª edição, Francisco Alves, S. Paulo, 1936.

(14). — Prado (J. F. de Almeida) — *Primeiros povoadores do Brasil: 1500-1530* — 2.ª edição, E. Nacional, S. Paulo, 1939.

Idem — *Pernambuco e as capitânicas do norte de Brasil: 1530-1630*. — São Paulo, 1938.

(15). — Simonsen (Roberto Cochrane) — *História econômica do Brasil: 1500-1820* — São Paulo, 1937.

ma. É de se destacar, entretanto, a obra de Caio Prado Jr, — *Formação do Brasil Contemporâneo*, admirável síntese sobre os três séculos de colonização. Do laboratório de pesquisas, que é o Departamento de História da Faculdade de Filosofia da Universidade de São Paulo, tem-se esboçado vários estudos interessantes que, embora sem uma diretriz delineada, contribuirão, por certo, para melhor e maior compreensão de nossa história econômica.

Finalmente estamos com Gilberto Freyre quando, com toda a autoridade, afirma que ainda está por elaborar-se a história da técnica e da teoria essencialmente brasileira da *valorização*, nascida com a República, a quem coube antecipar-se a teorias européias e norte-americanas de intervenção do Estado na regulamentação de suprimentos de determinados produtos, estabilizando-lhes o preço através de retenção em armazens. E esse é um campo onde os historiógrafos poderão colher farta messe, principalmente a plêiade de estudiosos que integra o Instituto de Administração da Faculdade de Ciências Econômicas e o Departamento de História da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo.

ASTROGILDO RODRIGUES DE MELLO

Professor da Cadeira de História da Civilização
Americana (U.S.P.).